

**UNIJUÍ – UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL**

CURSO DE PEDAGOGIA

SHANA RONELLE DIEMINGER

**A APROPRIAÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA:
UMA CONSTRUÇÃO LIBERTADORA**

**SANTA ROSA-RS
2014**

SHANA RONELLE DIEMINGER

A APROPRIAÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA:
UMA CONSTRUÇÃO LIBERTADORA

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Regional do Estado do RS, como requisito parcial para a obtenção do título de Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora:
Claudia Maria Seger

SANTA ROSA-RS
2014

SHANA RONELLE DIEMINGER

**A APROPRIAÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA:
UMA CONSTRUÇÃO LIBERTADORA**

Monografia apresentada para obtenção do título de graduada em Pedagogia na
Universidade Regional Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Banca Examinadora:

.....

Profa. Ms. Cláudia Maria Seger – UNIJUÍ

.....

Profa. Dra. Hedi Maria Luft - UNIJUÍ

Nota:

Santa Rosa, de de

AGRADECIMENTOS:

Agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu chegasse à minha conclusão de curso. Aos colegas de trabalho e alunos que contribuem diariamente no ofício de educar; aos professores e mestres que colaboraram em minha formação como ser humano mostrando o quanto aprender é gratificante; à minha professora orientadora que com paciência ajudou na concretização deste trabalho; às colegas de graduação com as quais tive a oportunidade de conviver e dividir saberes; aos meus amigos e minhas amigas, pela força, conselhos, convívio, apoio, compreensão e amizade; aos meus familiares, em especial a minha irmã Aneara, e a meus pais, Isalete e Valdinei, pelo carinho, apoio, companheirismo, paciência e palavras de otimismo, incentivando a busca dos meus sonhos; e em especial à Deus, presença constante em minha vida, que iluminando a caminhada, norteou as minhas escolhas, me confortando nas horas difíceis; e à todos que, próximos de mim, auxiliam nos passos diários fazem que fazem esta vida valer a pena.

"... A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual,
por trás da mão que pega o lápis,
dos olhos que olham,
dos ouvidos que escutam,
há uma criança que pensa".

(Emília Ferreiro)

RESUMO

Este trabalho visa compreender a apropriação da escrita pela criança. A escrita é considerada uma das invenções mais importantes da humanidade, pois é através dela que ocorrem registros históricos, a comunicação, transmissões de informações, entre outros aspectos. A escrita passou por uma evolução. Na antiguidade, as pessoas usavam desenhos, traços e alguns signos para se comunicar. Somente depois de muitos séculos surgiu o alfabeto, e esta evolução está dividida em três fases distintas: fase pictórica, fase ideográfica e a fase alfabética. O sujeito que aprende a escrever, age e interage com o meio, com os objetos que o cercam, modificando e ampliando as informações até chegar a sua compreensão. Desta forma, amplia seu conhecimento, partindo da sua vivência e das interações com o ambiente, já que isto facilita o entendimento e a compreensão da escrita. O processo de aprendizagem da escrita apresenta muitos desafios em que a criança precisa desenvolver, desde as suas habilidades motoras como segurar um lápis, até evoluir à fase alfabética. Ferreiro e Teberosky (1999) descrevem o processo de aquisição da escrita em quatro níveis. Os dois primeiros níveis correspondem ao pré-silábico e ao silábico, o terceiro nível é denominado de silábico alfabético, e o quarto nível, alfabético. Precisa-se ressaltar que quando a criança está alfabetizada ela já conhece as letras e as transcreve por conta própria formando palavras. Assim, cabe ao educador auxiliar o educando a compreender a real função social da escrita, contribuindo para a formação de um sujeito autônomo e consciente, que se posicionará de maneira crítica perante as informações que lhe serão expostas, transformando a sociedade na qual está inserido.

PALAVRAS CHAVE: Escrita. Alfabetização. Aprendizagem.

ABSTRACT

This work intends to understand the written appropriation by the child. Writing is considered one of the most important inventions of the humanity, because it is through of it, that it happens historical registers, communication, transmissions of informations, among other things occur. The writing has gone through an evolution. In ancient times people used drawings, strokes and some signs to communicate. Only after many centuries came the alphabet, and this development is divided into three distinct phases: pictorial, ideographic and alphabetic phase. The man who learns to write, act and interact with the social environment, with the objects that surround it, modifying and expanding the information until it gets its understanding. Thus, increases its knowledge, from its experiences and interactions with the social environment, since this facilitates the understanding and written comprehension. The learning process of writing presents many challenges that the child needs to develop, from their motor skills like holding a pencil, to evolve to the alphabetic stage. Ferreiro and Teberosky (1999) describe the process of writing acquisition in four levels. The first two levels correspond to the pre-syllabic and syllabic. The third level is called a syllabic alphabet, and the fourth level, alphabetical. It's necessary to be noted that when the child is literate she already knows the letters and transcribe them into words on their own. Thus, it is up to the educator to assist the student to understand the real social function of writing, contributing to the formation of an autonomous and conscious subject, which will position critically before information will be exposed to it, transforming the society in which it is inserted.

KEY WORDS: Writing. Literacy. Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1- O SURGIMENTO DA ESCRITA	10
2 - A COMPREENSÃO DA ESCRITA	14
2.1 APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICO	16
3 - MANIFESTAÇÕES INICIAIS DA ESCRITA: A DIFERENCIAÇÃO ENTRE O DESENHO E A GRAFIA	19
3.1 OS NÍVEIS DE ESCRITA	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

O trabalho visa esclarecer como acontece a apropriação da escrita pela criança. Este é um assunto relevante, já que a escrita é algo essencial para a comunicação, dentre as demais finalidades que possui. Foi com o aparecimento da escrita que houve a possibilidade de comunicação entre as pessoas, tornando plausível a troca de conhecimentos, mesmo que estes sejam de um tempo não tão próximo do que nos encontramos.

A escrita pode ser definida como um dos mais antigos recursos utilizados pela humanidade como meio de comunicação. Por sua vez, é determinada como uma conquista da humanidade, um avanço para o convívio, pois, através dela é possível guardar a memória, traduzir, representar e manifestar opiniões, fazendo o registro dos símbolos, pondo no papel a ideia que se ordena no pensamento.

Durante esta pesquisa buscou-se conhecer como surgiu a grafia, compreendendo de que forma a criança constrói e se apropria da linguagem escrita entendendo o sistema alfabético.

Para desenvolver a pesquisa sobre a apropriação da escrita pela criança, tive por base referências de autores como Cagliari (2010), Seber (2010), Grossi (1990), Ferreiro e Teberosky (1999), ou seja, sendo esta uma pesquisa de cunho bibliográfico.

A proposta para desenvolver este tema envolve três capítulos. O primeiro capítulo se refere ao surgimento da escrita, sua apresentação e as etapas da evolução desta, que são: fase pictórica, fase ideográfica e fase alfabética, salientando também o valor desta para a sociedade.

No segundo capítulo, é abordada a compreensão da escrita pelas crianças. A escrita que é designada como um conjunto de diversos signos e que foi sendo construída socialmente e reproduzida pelo homem em resposta às suas necessidades culturais, ao longo do seu desenvolvimento. A criança, que se encontra inserida neste contexto social, busca compreender o que a escrita representa e como os sinais gráficos se organizam dentro deste sistema de representação. Assim, é sugerido o uso de variados recursos do convívio humano, para auxiliar na aprendizagem, tais como: letreiros, placas de propagandas, jornais, televisão, revistas, rótulos de alimentos, tornando o aprendizado significativo.

Por fim, no terceiro capítulo, serão apresentadas as manifestações iniciais da escrita pelas crianças, até chegar ao entendimento do sistema da escrita, passando por várias etapas de construção, compreendendo e produzindo palavras por conta própria.

Assim, cabe ao educador despertar condições para que a criança compreenda e domine o sistema alfabético partindo do seu cotidiano, permitindo ao educando reconhecer a escrita como uma forma de registro, lembrando que a educação não se dá pela imitação, mas por um processo em constante transformação.

1. O SURGIMENTO DA ESCRITA

Pode-se dizer que uma das grandes invenções que a humanidade já desenvolveu foi a escrita. A rapidez das informações obtidas hoje só é possível devido ao seu invento. A escrita é considerada uma poderosa aliada à memória humana e, além disso, representa um instrumento libertador na medida em que o sujeito que a adquire e domina, passa a fazer parte de uma sociedade centrada na escrita.

O aparecimento da escrita possibilitou um tipo de comunicação que torna possível a troca de conhecimentos, mesmo que estes sejam de um tempo não tão próximo do que nos encontramos. O acesso a informações sobre modos de vida de grupos que viveram há muitos anos, os costumes, os modos de existência, proporcionaram mudanças profundas na história da humanidade.

Há registros de que a escrita teve seu surgimento em diversos lugares. Os mais antigos originaram-se na região baixa da antiga Mesopotâmia, há mais de 5.500 anos, observando que a partir deste momento é que foram encontrados registros, informações que relatam fatos acontecidos. A história da escrita segue uma linha cronológica que é dividida em três fases distintas, sendo elas: fase pictórica, fase ideográfica e a fase alfabética.

A fase pictórica ou cuneiforme¹ se caracteriza pela representação de signos para representar as ideias ou desejos. Esta fase pode ser representada pelo período da Pré-História, em que o homem buscava se comunicar através de desenhos inventados nas paredes ou em pedras. Através deste tipo de representação, considerada uma pintura rupestre, era possível identificar mensagens, transmitir ideias, desejos e necessidades. Mesmo que estes desenhos representassem um significado, ainda assim, não se pode considerá-los um tipo de escrita, pois não trazem uma organização nem mesmo uma padronização. Cagliari (2009, p.93) ressalta que “os pictogramas não estão associados a um som, mas a imagem do que se quer representar. Consistem em representações bem simplificadas dos objetos da realidade”.

¹ Cuneiforme palavra originada do grego tem por significado em forma de cunha.

Na segunda, a fase ideográfica, que sucedeu a escrita cuneiforme, não se fazia necessário o emprego apenas de rabiscos ou figuras, mas de uma imagem que representasse uma ideia. Era necessário que os leitores conhecessem o contexto para decifrar o significado da mensagem. Eram atribuídos então alguns valores fonéticos e passou-se a registrar menos signos para expressar as ideias. A partir desta fase inicia-se o registro de desenhos especiais, denominados ideogramas, símbolos que antecedem as letras do alfabeto. Cagliari (2009, p.93) afirma que:

Esses desenhos foram ao longo da evolução perdendo alguns traços mais representativos das figuras retratadas e tornaram-se uma simples convenção da escrita. [...] As escritas ideográficas mais importantes são a egípcia (também chamada de hieroglífica), a mesopotâmica (suméria), as escritas da região do mar Egeu (por exemplo, a cretense) e a Chinesa (de onde provém a escrita japonesa).

A terceira fase, a alfabética, é caracterizada pelo surgimento do alfabeto, quando se passa a utilizar as letras para realizar os registros. Elas (as letras) assumem a função de representação fonológica, levando em consideração que o alfabeto passou por inúmeras transformações até chegar ao atual sistema alfabético.

Primeiro surgiram os silabários, que representam um conjunto de sinais específicos que identificam sílabas, isto é, estes sinais representavam sílabas inteiras e não letras individuais. Conforme Cagliari (2009, p.94) “primeiro surgiram os silabários, que consistiam num conjunto de sinais específicos que representavam uma sílaba. Os desenhos utilizados referiam-se às características fonéticas da palavra.” Já os fenícios², utilizavam vários sinais da escrita egípcia, formando um repertório de caracteres bem reduzidos, com sons consonantais. Cagliari (2009, p.94) reforça que

[...] dadas as características das línguas semíticas, não era muito importante escrever as vogais, sendo as palavras facilmente reconhecidas apenas pelas consoantes, como encontramos até hoje num dos modos como se podem escrever o árabe e o hebraico.

Os gregos adaptaram a escrita dos fenícios, mas também juntaram as vogais na escrita, pois acreditavam que as vogais possuem uma função linguística significativa para o reconhecimento e a formação das palavras. Assim, pode-se dizer

² Fenícios: a civilização fenícia teve por base uma cultura comercial marítima onde utilizavam galés, um veículo movido a velas e remos, para a realização das navegações. (www.sohistoria.com.br/ef2/fenicios)

que foram os gregos que desenvolveram o sistema de escrita alfabética. A escrita dos gregos foi adaptada pelos romanos, que também sofreu algumas modificações, constituindo-se o sistema alfabético greco-latino, sistema de escrita do qual provém nosso alfabeto. Cagliari (2009, p.96) ressalta que:

Os caracteres dos sistemas de escrita pictográficos e ideográficos podem se basear na representação semântica correspondente e unidades morfológicas e, mais raramente, a unidades maiores e menores do que as palavras [...]. Os caracteres dos sistemas ideográficos podem ser usados para representar sílabas pode também ser representada por uma letra do alfabeto, fazendo com que a característica típica fonográfica da escrita alfabética comece a se perder. Apenas os caracteres do sistema alfabético conseguem formar sistemas fonográficos, representando os sons da fala em unidades menores do que a sílaba; é, portanto, o sistema mais detalhado quanto à representação fonética.

A escrita surgiu quando houve a necessidade de registrar o desenvolvimento da economia e da sociedade, sendo interessante o armazenamento de informações como alimentação e produção, bem como o movimento do comércio. Mais tarde foi utilizada para descrever o tempo, mais precisamente as épocas do ano, e para anotar todos os acontecimentos que envolviam a sociedade. Tão grande foi sua utilidade, que passou também a ser empregada para historiar grandes feitos, batalhas, tratados, empréstimos, orações, proclamações de governantes, casamentos, e demais situações. Segundo Cagliari (2009, p.97)

A escrita, seja ela qual for, sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva religiosa, mágica, científica, política, artística e cultural. A invenção do livro e, sobretudo da imprensa são grandes marcos da História da humanidade, depois é claro, da própria invenção da escrita. Esta foi passando do domínio de poucas pessoas para o público em geral [...]

Algum tempo depois, foram registradas obras literárias e algumas pessoas das classes econômicas mais altas começaram a aprender e ter acesso à escrita. Neste período, ainda eram poucas as pessoas que dominavam o sistema de escrita.

No século XV, com a invenção da imprensa pelo italiano Gutemberg, tornou-se possível o acesso a materiais impressos como livros e, aos poucos, a promoção ao conhecimento da escrita foi possível a um maior número de pessoas. Em uma época em que os trabalhos manuais, exercidos por artesãos como o sapateiro, por exemplo, eram trabalhos que apresentavam uma continuidade na família. Exigindo certo conhecimento, habilidade, detalhes no feitiço, segredos passados por gerações

o que tornava o trabalho bem feito dos artesãos, a escrita e a leitura era para quem não precisava lutar por suas necessidades vitais diárias, podendo o privilegiado dedicar-se ao exercício com afinco.

Já no final do século XVIII, aconteceram mudanças na sociedade, como a revolução industrial. Esta, com seus avanços tecnológicos, diminuiu as pequenas oficinas e os trabalhos familiares, abrindo espaço a produtos fabricados em grande escala. Acabando com a classe de artesãos e trabalhadores rurais, ofereceu espaço a uma classe de operários, que acabavam por serem explorados.

Na tentativa de melhorar a situação da população no final do século XIX foi instaurada a escolaridade obrigatória. A partir deste período, aqueles que possuíam acesso à aquisição da escrita, passaram a ser consideradas pessoas de relevante importância perante a sociedade. Com o surgimento da instituição escola e, em consequência, a alfabetização da massa trabalhadora, o acesso à comunicação escrita deu-se em larga escala.

No início do século XX, a sociedade já possuía uma hierarquia social definida, mas muitas pessoas ainda não tinham conhecimento da escrita, ou seja, eram consideradas analfabetas. Para aquele o momento, este fato não era considerado algo incomum, já que todos tinham acesso a empregos que não exigiam determinado grau de escolaridade, permitindo uma vida tranquila aos empregados e às suas famílias mesmo sem conhecer os símbolos da escrita. Ao longo do século XX, com os níveis de atendimento e ampliação da escolaridade, a escola tende a ser um espaço social e cultural, assumindo a função de ser um dos principais instrumentos de certificação e de inserção na sociedade.

Na contemporaneidade, a função social da escrita amplia-se para além da necessidade de inserção social e cultural. O desenvolvimento tecnológico passa a exigir um novo sujeito, capaz de lidar com o mundo da informação e da comunicação. Se, no início da história da escrita, esta foi utilizada como registro para informações importantes e era reservada a um determinado grupo social, na atualidade apresenta um papel diferenciado. É um requisito básico para a formação do ser, representando a possibilidade de inclusão na cultura, no saber tecnológico e no saber científico.

2. A COMPREENSÃO DA ESCRITA

Para um adulto que conhece e compreende o sistema de escrita, entender o mundo letrado em que vivemos se torna algo fácil. Por isso, não percebemos como vive o sujeito que ainda não se apropriou deste código e de como este percebe o mundo que nos parece tão simples.

A escrita, se explicada pelo ponto de vista social, é um registro de informações que vai possibilitando a construção de nossos conhecimentos, já que envolve diferentes contextos. Sabe-se que a escrita é o instrumento principal para a entrada e participação em uma sociedade letrada, por ser ferramenta da compreensão e prática da comunicação do homem.

A expressão gráfica é uma forma de representação da linguagem, uma comunicação simbólica que com a ajuda de sinais gráficos criados pelo homem, ajudam a traduzir, a representar e manifestar ideias. É através dela que se faz o registro, colocando no papel o que é ordenado no pensamento, transferindo as unidades sonoras através de símbolos. O pensamento do ser humano somente pode se confirmar através da expressão na forma falada e na forma escrita. Não há como separar o pensamento das palavras, ou seja, o pensamento é algo abstrato. Porém, se registrado pela escrita, ele se concretiza, já que com o recurso do uso dos signos, a compreensão de uma ideia tende a tornar-se mais clara, mais significativa, podendo, inclusive, perpetuar-se, transformar-se, desenvolver-se. É por meio destes códigos que deixamos nossas marcas no tempo, contribuindo com o progresso do conhecimento.

Entende-se que a criança é um sujeito capaz de compreender o mundo que a rodeia, buscando resolver as mais diversas situações que a intrigam. Desta forma, a linguagem escrita é vista como um objeto que traz um sentido para quem o utiliza, assim como afirma Ferreiro, “a língua escrita é muito mais que um conjunto de formas gráficas. É um modo de a língua existir, é um objeto social, é parte do nosso patrimônio cultural”. (2011, p. 99).

Ao compreender a linguagem escrita, a criança já é capaz de entender e falar a língua materna com certa desenvoltura e perfeição, indiferente das circunstâncias apresentadas. Assim, ela vai percebendo a importância de se comunicar, mesmo que seja por meio de rabiscos, desenhos e ou letras. É a partir desta comunicação

que a criança começa a despertar a curiosidade para com as letras, descobrindo-as no seu nome e identificando-as, aprendendo que existe um código específico usado para escrever. Parece uma tarefa fácil, mas escrever utilizando corretamente as letras associadas aos sons é bastante complexo. O sujeito que aprende necessita construir, entender as regras, interpretar, pensar, raciocinar, inventar formas para melhor compreender a escrita.

O sujeito que aprende a escrever age e interage com o meio, com os objetos que o cercam, modificando e ampliando as informações compreendidas por estes, até chegar a sua compreensão. Assim, ele se apossa e amplia seu conhecimento, partindo de sua vivência e da interação com o ambiente, pois partir do que a criança conhece, do que ela vivencia, facilita muito a sua aprendizagem e assim a sua memorização. Assim, pode-se entender que este já traz consigo algum conhecimento sobre a escrita, mesmo não tendo passado por nenhuma instrução específica. O contato com o mundo letrado é muito antes das letras e vai para além delas. A criança, mesmo não alfabetizada, está inserida num processo de letramento, pois o contexto social do qual faz parte, favorece o entendimento da escrita como objeto cultural. Portanto “a escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado de esforço coletivo da humanidade”. (FERREIRO, 2011, p.44).

Atualmente, o acesso a meios que envolvem a grafia é bastante amplo. Recursos principalmente do meio social como jornais, placas, embalagens, cartazes, letreiros, revistas, internet são de relação, visualização e manuseio direto dos pequenos leitores. Além disso, também observam, que as pessoas que os rodeiam usam a expressão gráfica para se comunicar ao fazer anotações, escrever bilhetes, e-mail ou até mesmo uma lista de compras. Em suas brincadeiras, as crianças representam os outros imitando uma leitura ou uma escrita, atribuindo significados a este novo conhecimento, ampliando suas ideias e produzindo conceitos próprios sobre o mesmo.

Assim, letramento vem ao encontro da inserção da criança no mundo letrado, onde, manuseando os mais diversos tipos da escrita utilizados pela sociedade, ela aprende a escrever palavras, codificando e decodificando os sinais gráficos, deixando de exercitar um aprendizado automático. O início deste processo se dá no momento em que a criança começa a conviver, interagindo socialmente com as mais

diversas manifestações da escrita utilizadas no seu cotidiano, sendo palavras do seu universo social e cultural, plenas de significado. É através da prática do letramento que o alfabetizando vai assumindo uma consciência crítica, libertadora, alfabetizando-se de fato.

2.1. Apropriação do sistema de escrita alfabético

Desde bebês, quando a criança escuta uma cantiga ou manuseia um livro, quando começa a ver o mundo e a fazer interpretações do espaço e das pessoas ao seu redor, é que inicia o processo de compreensão do mesmo e da aquisição da linguagem escrita.

O sujeito que chega à escola traz consigo um conhecimento de mundo bastante particular, carregado de experiências, valores, hábitos de linguagem que constituem e refletem a cultura da sua família e do meio ao qual participa. Para entender como a criança constrói suas ideias em relação à escrita, é interessante partir deste conhecimento, destas situações de vivências e convivências. Ao possibilitar diferentes formas de expressão oral e escrita, o educador estimula seus educandos à compreensão e ao respeito pelas diferenças existentes no pequeno grupo que se formou e ao qual está fazendo parte por ora.

Ferreiro (2011) também afirma que é através da representação alfabética que a criança vai construindo a sua autonomia intelectual, atribuindo significado à escrita e ao conhecimento sobre esta. A evolução do aprender a escrever precisa ter a participação do sujeito que aprende por experimentos, ensaios, assim como na linguagem. Para aprender a escrever, a criança precisa organizar um processo cognitivo bastante complexo, sendo então natural partir do seu interesse. A maneira mais apropriada para compreender como uma criança aprende o sistema alfabético é através das suas produções espontâneas. Esta não é resultado de algo copiado, é algo criado, inventado, traduzido por ela. Quando a criança escreve como pensa, ouve e entende um conjunto de palavras, está fazendo uma tentativa de compreender este sistema, elaborando ideias, pensamentos e hipóteses sobre a escrita enquanto escreve.

Pensando assim, apresentar à criança o mundo das letras, não significa apenas ensinar letras, e como posso juntá-las a fim de formar uma palavra. É

preciso ajudá-la a perceber que cada letra possui um som e que ele pode modificar se juntar com outra letra, a exemplo das vogais junto com uma consoante. A codificação, feita pelas crianças que entram em uma turma de alfabetização, nem sempre trazem um significado. As crianças, muitas vezes, escrevem as letras para dizer que já sabem escrever, sendo na grande maioria, palavras ou uma grafia memorizada. Cabe à educadora, que está envolvida com a turma, auxiliar na descoberta e na compreensão do processo de codificação e decodificação transformando-se em aprendizagem. Porém, a escrita da criança não é uma simples cópia, ou um modelo que ela esteja reproduzindo. Esta grafia é um processo de construção, no qual o sujeito que aprende reinventa a escrita, pois neste sentido está buscando entender seus processos e as normas para a sua construção, compreendendo que ler não é apenas decifrar e escrever não é apenas copiar. Para Cagliari:

Ensinar não é repetir um modelo até que se aprenda o que ele quer dizer. Ensinar é compartilhar as dificuldades do aprendiz, analisá-las, entendê-las e sugerir soluções. Como, a cada momento um indivíduo está numa situação histórica diferente da construção da sua vida e de seus conhecimentos, a cada momento o ensinar é diferente. (2002, p. 69).

Ferreiro (2007) também destaca a necessidade de considerar as tentativas de escrita do sujeito que aprende, pois estas estão relacionadas ao pensamento e às hipóteses construídas até então. Estas representam um ensaio, uma tentativa, fundamental durante o processo de alfabetização. É natural a criança reproduzir na escrita espontânea aquilo que escuta quando fala. Neste sentido o educador assume o papel de mediador entre o que a criança já construiu, auxiliando-a a avançar nas suposições de escrita, oferecendo a oportunidade de compreensão do que é considerado correto na grafia da língua materna. Enquanto isso pode-se perceber que, dentro de uma mesma sala de aula, haverá vários níveis de escrita. O fato de ter um educando que ainda não consegue escrever corretamente, não significa que seja necessário limitá-lo ao conhecimento, evitando determinadas tarefas, como o manuseio de textos durante as aulas, por exemplo. Cada educando traz uma singularidade, sua individualidade, seu tempo, e deixar este educando em meio dos outros que já “sabem”, contribuirá para seu amadurecimento, para o descobrimento de sua capacidade de aprender.

Nesse contexto, propiciar às crianças situações de aprendizagens que colaboram para a ampliação e reelaboração do conhecimento da escrita contribui para que a aprendizagem ocorra de uma maneira prazerosa, na qual a organização e a resolução de situações diárias cooperam para uma significação da linguagem escrita. É essa busca pela compreensão dos símbolos gráficos, a ordenação de hipóteses, as tentativas e os avanços do conhecimento sobre o sistema alfabético, que remete aos educadores a posição de mediadores desse processo.

Conhecer a criança e a sua realidade é um passo fundamental para obter uma proposta pedagógica de qualidade. As pesquisas de Ferreiro e Teberosky (2011) não demonstram um método, um caminho, porém elas alertam para que com um olhar especial o educador repense os significados sobre como se ensina e para como se aprende, estabelecendo assim a compreensão da função de cada um dos participantes envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

Levar em consideração que o processo de aprendizagem da linguagem escrita é complexo, faz com que o educador estabeleça um vínculo entre o ensino e a realidade com a qual trabalha. Para que o educando consiga expor suas ideias, ele precisa entender o contexto, manipulando o que vai aprender. Desta maneira participa da construção do seu conhecimento, e abandona uma atitude passiva, esperando receber algo pronto e/ou a trabalhar mecanicamente, passando a adotar uma postura ativa, na qual constrói seu próprio trabalho, aprimorando e significando seu aprendizado.

3. MANIFESTAÇÕES INICIAIS DA ESCRITA: A DIFERENCIAÇÃO ENTRE O DESENHO E A GRAFIA

Considerando que a escrita é formada por códigos que constituem palavras e representam a linguagem, manifestando ideias e pensamentos, percebe-se que a escrita não é somente um modo de fixar as ideias de maneira permanente. A escrita assumiu um papel de interação, sendo uma maneira de comunicação entre o eu e o outro. Desde pequena, a criança vai compreendendo a importância da comunicação entre os sujeitos, mesmo que esta seja por meio de rabiscos, desenhos ou letras. As crianças que possuem em seu meio social o hábito de usar lápis e papéis, registram tentativas de comunicação através destes, registrando vivências e informações.

Até então, nos primeiros contatos com o lápis e o papel, a maioria das crianças de uma média de três anos utiliza de garatujas ou rabiscos, para representar a sua comunicação. Seber (2010) afirma, que nestas primeiras tentativas de escrita os traços podem aparecer de duas formas: uma em traços ondulados contínuos, imitando um movimento de escrita cursiva; e outro em forma de pequenos círculos e riscos verticais não contínuos, representando a escrita com uma grafia separada. Também aponta que no momento em que estes rabiscos passam a serem nomeados, eles evoluem na direção das primeiras figuras, e mesmo que não tenham uma definição clara, surgem com o intuito de representar algo, transmitindo uma mensagem. Contudo, as garatujas começam a se diferenciar do desenho e escrita, quando “pouco a pouco as linhas serrilhadas passarão a acompanhar os desenhos como se fosse um complemento importante das figuras” (SEBER, 2010, p. 22), sendo as primeiras formas de escrita.

No momento em que o desenho toma forma de letras ou grafia, trazendo a intenção de escrever, a criança se utilizará primeiro de traços contínuos, imaginando uma escrita, já sabendo diferenciar o desenho da grafia. A intenção da criança em representar a escrita utilizando das marcas gráficas, explica e confirma que já estabeleceu um significado sobre o sistema alfabético, utilizando-se de hipóteses e/ou tentativas iniciando o processo de apropriação deste sistema.

Nesta intenção, assim como Ferreiro (2011) expõe, geralmente a criança, em sua produção, faz traços contínuos apresentados como linhas onduladas, serrilhadas, ou ainda podendo combinar estas duas possibilidades. A partir de então,

ela apresenta mais dois aspectos ampliando a sua compreensão do sistema de escrita, complementando seus desenhos com traços lineares, pondo as linhas enfileiradas uma após a outra, trazendo também uma direção horizontal nestes traços.

Para chegar a estas conquistas, as crianças passam por etapas que dependem da idade e do nível de maturação destas. Porém, é interessante lembrar que cada criança possui um ritmo próprio para aprender, e que este pode variar conforme os estímulos proporcionados pelo meio social em que ela cresce. Assim,

Imersa em um mundo onde há a presença de sistemas simbólicos socialmente elaborados, a criança procura compreender a natureza destas marcas especiais. Para tanto, não exercita uma técnica específica de aprendizagem [...] vai descobrindo as propriedades dos sistemas simbólicos por meio de um prolongado processo construtivo. (FERREIRO, 2011, p. 44)

Sabendo que a criança traz consigo conhecimentos que precisam ser incorporados no aprendizado de sala de aula, é necessário que a escola abra espaço para uma escrita que explore as emoções, as ideias, ou seja, é preciso deixar a criança escrever, lembrando que esta aprendizagem é um processo de construção, pois segundo Ferreiro (2010, p.44) “[...] a escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade”, da qual a criança utilizará, sendo esta parte do seu contexto social.

Portanto, qualquer que seja o assunto tratado, este só apresentará um significado se estiver relacionado ao conhecimento prévio da criança envolvida, apresentando um sentido à sua organização intelectual. Assim, o pequeno aprendiz aprende a refletir sobre as suas próprias ações, observando o que faz ou diz, contribuindo para o crescimento do nível de desenvolvimento em que se encontra. A criança precisa de tempo para descobrir e inventar maneiras próprias de lidar com as informações recebidas. Elaborando ou reelaborando suas hipóteses passa por níveis até compreender realmente o processo de escrita.

3.1 Os níveis de escrita

Para compreender o mundo que as rodeiam, as crianças elencam problemas e levantam hipóteses para tentar resolvê-los. Pode-se assim, conforme Ferreiro (2007), justificar as razões pelas quais, as crianças representam a escrita da maneira como fazem. É notável a diferença entre o nível de grafia de uma criança iniciante, ou que conhece há pouco tempo o significado dos códigos, da escrita de um adulto. Isso é possível, pois esta evolui e se modifica em razão da idade, da maturidade de quem a utiliza, estando ligada ao nível da evolução do desenvolvimento mental da criança. Para tanto, se reforça a importância de uma mediação no processo de construção da língua escrita por parte do educador, valorizando o que já foi estabelecido pelo educando, enriquecendo assim seu processo de apropriação do conhecimento de alfabetização. Analisando o processo evolutivo do aprender a escrever, compreende-se que em seus primeiros traços, a criança percebe que é prazeroso rabiscar com o lápis em um papel, percebendo as marcas que deixa.

Sabe-se que a criança passa por uma série de etapas com características específicas antes de compreender o sistema alfabético. Essas etapas apresentam um processo construtivo nas quais as crianças utilizam parte do seu conhecimento, acrescentando uma nova informação. As produções da escrita da criança parecem incompreensíveis, porém necessárias para compreender o desenvolvimento da escrita. Ferreiro e Teberosky (2007) afirmam que isto faz parte do processo de apropriação do sistema alfabético, e descrevem este processo em quatro níveis de escrita.

No primeiro nível, definido como pré-silábico, a criança ainda não entende o que a escrita registra, nem a sequência sonora das palavras. Num período muito inicial a criança, ao diferenciar o desenho da escrita, começa a anotar rabiscos, bolinhas e garatujas que ainda não são letras. No momento em que percebe a escrita das palavras ao seu redor, ela passa a utilizar as letras, misturando os símbolos destas também com números, como se soubesse escrever, sem se preocupar com a ordenação, nem mesmo com os sons da escrita. Neste estágio a criança cria duas hipóteses em relação à escrita das palavras. Em uma delas associa a escrita com o tamanho do objeto que quer escrever, como por exemplo,

formiguinha, por ser pequena, utilizaria de poucas letras em sua grafia, e o contrário acontece para um objeto grande. Já a segunda hipótese é em relação à variedade da quantidade e da ordem de letras utilizadas para escrever palavras diferentes.

No segundo nível, denominado nível silábico, a criança começa a descobrir que as partes da escrita, ou seja, as letras apresentam uma correspondência com a quantidade de partes que se reconhece na fala. Neste nível, as crianças costumam usar mais de três letras para escrever uma palavra, pois acha que as letras substituem as sílabas que pronuncia. Geralmente utiliza na escrita caracteres que compõem a grafia do seu nome.

As letras utilizadas na escrita, nesta fase, ainda não possuem representações sonoras, não relacionando a grafia com os sons das letras. Nesse nível a criança utiliza tanto critérios quantitativos³ quanto qualitativos⁴, acreditando que a leitura só é possível se houver muitas letras, necessitando elas serem diferentes. É interessante perguntar para as crianças o que escreveram e anotar as suas respostas, desta forma é possível acompanhar o seu desenvolvimento.

O terceiro nível é denominado silábico alfabético, e é caracterizado pela tentativa da criança atribuir um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita, fazendo a relação entre o som e a grafia. Na correspondência do som, ela associa a sílaba ao som produzido por uma emissão de voz, representando para cada letra uma sílaba; já na grafia, a criança analisa os fonemas, que são os elementos sonoros da linguagem, observando o som mais saliente na pronúncia da palavra. Assim, a criança escreve parte da palavra, relacionando que uma sílaba pode ser representada apenas por uma letra, usando geralmente as vogais por estarem em todas as palavras. É curioso, neste nível, que a criança não repete uma mesma letra em uma escrita, por acreditar que esta repetição seria algo ilegível,

³ Pré-silábico quantitativo: nas sílabas quantitativas ou “sem valor sonoro”, a criança tende a colocar, de forma rigorosa, uma letra para cada sílaba pronunciada, mas, na maior parte das vezes, usa letras que não correspondem a segmentos das sílabas orais da palavra escrita. (BRASIL,2012 p.12).

⁴ Pré-silábico qualitativo: nas sílabas qualitativas ou “com valor sonoro”, a criança se preocupa em colocar não só uma letra para cada sílaba da palavra que está escrevendo, mas também letras que correspondem a sons contidos nas sílabas orais daquela palavra. É comum as crianças utilizarem as vogais de cada sílaba, mas em alguns casos, elas também podem colocar consoantes. (BRASIL,2012 p.12).

como a exemplo da palavra CAVALO, que poderia ser representada pela escrita KVAO, por exemplo.

Se um adulto analisar esta escrita diria que estão faltando caracteres, porém para a criança que se encontra neste nível de desenvolvimento, esta escrita representa um acréscimo de letras, pois acresceu mais letras do que o número de vezes que produziu um som no momento da pronúncia, sendo as sílabas que esta palavra possui. É neste nível de desenvolvimento que a criança começa a perceber que as sílabas podem ter mais de um caractere, e que o som não garante o número de letras específicas da escrita, fazendo com que se aproxime do nível seguinte.

O último nível, denominado alfabético é caracterizado pela passagem da hipótese silábica para a alfabética, fazendo relação entre fonemas e grafias. Neste nível é possível a criança conseguir expressar graficamente o que pensou ou falou, associando cada som a sua grafia, como a exemplo da palavra GATO, G+A= GA, T+O= TO, formando assim a palavra. Neste estágio, a criança reconhece a escrita como função social, reconhecendo as letras do alfabeto conseguindo estruturar a palavra por conta própria, possuindo a compressão da distinção da sílaba e da letra. Vale lembrar que mesmo neste nível a criança ainda pode se confundir, e ou esquecer alguma letra que constitui a palavra, já que ela ainda não diferencia se uma sílaba possui mais de duas letras, sendo provável isto acontecer pela frequência significativa deste tipo de sílaba na nossa escrita, tendo na maioria das vezes por sequência, a escrita de uma consoante acompanhada por uma vogal.

[...] ter compreendido a formação alfabética das sílabas não tem vinculação expressa com o reconhecimento do valor convencional das letras escritas. Um educando pode estar alfabético conhecendo pequeno ou grande número de letras. (GROSSI, 1990, p.45).

É preciso compreender que mesmo estando neste nível de desenvolvimento da escrita, a criança não pensa em fonemas isolados observando a grafia correta das palavras, pois, ter alcançado este estágio não significa que a criança já esta alfabetizada. A criança, durante o processo de desenvolvimento e apropriação do conceito de escrita, vai aprimorando seu conhecimento imitando ou apenas copiando o ato de escrever. Porém não significa que esteja interpretando. Muitas vezes escreve por escrever sem ter um estímulo ou buscando entender o que está escrevendo. Ela simplesmente reproduz letras e formas de uma forma memorizada.

A aquisição da escrita ortográfica, objetivo das etapas seguintes à alfabetização, acontece através de um processo de aprendizagem, o qual não ocorre de um momento para outro. Ela se constitui na memorização de formas corretas de grafia de quem se apropria da escrita alfabética, representando as palavras por meio da escrita.

Desta maneira, é interessante diferenciar a correção ortográfica de uma produção livre. Na produção livre, será valorizado o trabalho do educando, colaborando para o desenvolvimento e organização intelectual, como também promover a sua autoestima, segurança e criatividade, já que os objetivos neste momento são diferentes dos de apenas fazer correções ortográficas. É preciso levar em consideração a existência da ortografia, já que é ela que orienta e unifica a forma de escrever. As regras ortográficas precisam ser compreendidas para que se possam entender as relações entre a língua falada e a língua escrita. Estas orientações auxiliarão o educando a perceber que as regras orientam a grafia de todas as palavras e que estas estão diretamente relacionadas ao uso funcional da escrita.

Faz-se necessário pensar a língua escrita durante o processo de alfabetização, de forma que esta contribua e promova a construção do conhecimento do sujeito que aprende. Cabendo então a quem participa e ensina o papel de mediador desse aprendizado, lembrando que “a escrita é importante na escola porque é importante fora da escola, e não o inverso” (FERREIRO, 1992, p.20).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao definir a escrita como um código de transcrição da fala, que transforma as unidades sonoras em unidades gráficas, observa-se primeiro a diferenciação entre as modalidades envolvidas. Estas podem ser visuais e auditivas, quando se relaciona uma imagem à sua letra inicial, como nos alfabetos postos em salas de aula. Imagina-se a aprendizagem da língua escrita como a compreensão do modo de construção de um sistema de representação. É necessário compreender e apropriar-se dessa regra para fazer a sua reprodução. Porém, existe uma diferença entre a língua falada e a escrita. A língua evolui constantemente, mudando a maneira como são ditas algumas palavras; já os signos gráficos não mudam, mas nem sempre correspondem a maneira como são ditos. Por exemplo, as letras da palavra casa, não correspondem de forma exata aos fonemas pronunciados, pois os sons supõem ser de outra letra (c e k / s e z). Este é um exemplo em que o alfabeto gráfico apresenta diferença do alfabeto fonético, sendo a escrita utilizada para representar a língua, mas não a representa em todos os momentos.

Para que exista a escrita é preciso um conjunto de sinais que apresentem uma ligação formando as palavras, ou seja, os signos gráficos são constituídos por traços, que adequado às letras, formam uma expressão. A escrita só terá valor se apresentar uma sequência e uma organização no desenvolvimento gráfico, formado por um número determinado de letras.

Porém, não é através de um método que a criança se alfabetizará. Caberá ao educador entender como o conhecimento se estabelece para poder mediar essa construção. A criança que está inserida em uma instituição de ensino traz consigo uma bagagem de conhecimentos que precisa ser valorizada, oportunizando ao educando momentos em que tenha contato com a escrita em todas as suas funções, significando a nova aprendizagem. Para compreender como esta aprendizagem se dá na criança, é necessário conhecer o que se passa com ela antes de estar inserida neste processo de alfabetização. Promover momentos que envolvam a cultura escrita, possibilitando situações de aprendizagem que autorizem a criança a expressar e a reorganizar suas ideias; interligar a sua vivência com a de seus pares, valorizando o que o educando conhece, considerando também a sua produção,

possibilitam ao sujeito que aprende, uma alfabetização significativa, sendo necessário o educador intervir como mediador. Assim, este estará criando condições para que a criança compreenda e domine o sistema alfabético, permitindo ao educando reconhecer a escrita como uma forma de registro. Lembrando que a educação é um processo construtivo À medida que o ensino é programado, planejado a partir dos níveis de escrita em que os educandos se encontram, haverá um melhor desempenho de cada um deles.

Para auxiliar um pequeno leitor a tornar-se um grande escritor, o educador ao auxiliará o educando a compreender a função social da escrita, estará contribuindo para a formação de um sujeito autônomo e consciente, colaborando para que se posicione de maneira crítica perante as informações que lhes serão expostas, aliando os saberes adquiridos pela sua vivência ao conhecimento científico.

REFERÊNCIAS

AJURIAGUERRA, J. de. **A escrita infantil – evolução e dificuldades**. Porto Alegre. Editora Artes Médicas. 1988.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: a aprendizagem do sistema de escrita alfabética: ano 1: unidade 3/ Ministério da Educação**. Brasília: MEC, SEB, 2012.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo. Editora Scipione. 2010.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras** – 3ª ed. São Paulo. Editora Cortez, 1993.

_____, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização** – 26ª ed. São Paulo. Editora Cortez, 2011.

FERREIRO, Emilia. TEBEROSKI, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Reimpressão. Porto Alegre. Editora Artmed. 2007.

GROSSI, Esther Pillar. **Didática do nível alfabético**. 9ª ed. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1990.

_____, Esther Pillar. **Didática dos níveis pré-silábico**. 10ª ed. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1990.

_____, Esther Pillar. **Didática do nível silábico**. 11ª ed. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1990.

SEBER, Maria da Glória. **A escrita infantil - o caminho da construção**. São Paulo. Editora Scipione. 2010.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6ª edição. São Paulo. E Contexto, 2013.

RIEWE, Raquel Andréia. **Alfabetização e construção da escrita**. Santa Rosa. Unijuí. 2008.